

**Lisboetas de Sérgio Tréfaut (2004)**

**Cine Clube, 5 Maio 2015**

**BIBLIOTECA, FCT/UNL**

**“Em torno do filme-documentário *Lisboetas* de Sérgio Tréfaut: *eu e tu na cidade contemporânea*”**

**Christopher Damien Aurette**

“Frederik Barth, o grande antropólogo norueguês contemporâneo, mostrou claramente que, ao contrário do que sustenta a errônea opinião corrente, não se traçam fronteiras para separar diferenças, mas que, pelo contrário, é quando se traçam fronteiras que as diferenças bruscamente surgem e se toma consciência ou se passa a levar em conta a sua existência. Mais precisamente dito: é justamente para legitimar as fronteiras que se inicia a busca das diferenças”. (Bauman, *Confiança e medo na cidade*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa: Relógio D’Água, 2006, 72.)

“A sociedade humana distingue-se de um rebanho de animais porque é possível nela haver quem seja sustentado por outrem; distingue-se porque tem a capacidade de conviver com inválidos, e de tal maneira que poderíamos dizer que a sociedade humana nasceu com a compaixão e a prestação de cuidados a outrem, qualidades que são exclusivamente humanas. O problema que hoje nos preocupa diz respeito a saber como poderemos transpor essa compaixão e essa solicitude à escala planetária. Estou consciente de que as gerações que nos precederam se confrontaram com a mesma tarefa, mas hoje o caminho que deveríamos seguir, agrade-nos ele ou não, terá de começar pela casa e pela cidade de cada um de nós, agora mesmo”. (Ibid., 87.)

“Os peregrinos apostavam na solidez do mundo por onde andavam – uma espécie de mundo em que a vida pudesse ser contada como uma história contínua, uma história que «fizesse sentido», uma história que fizesse de cada acontecimento o efeito do acontecimento anterior e a causa do seguinte, e de cada idade da vida uma estação da via a caminho da plena realização. (...) O mundo já não é hospitaleiro para os peregrinos”. “*A pedra de toque da estratégia de vida pós-moderna não é a construção da identidade, mas a prevenção da fixação*”. (Zygmunt Bauman, *A vida fragmentada, Ensaio sobre a moral pós-moderna*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa: Relógio D’Água, 2007, 93, 95.)

Nas cidades contemporâneas, a identidade está, incurável e definitivamente, divorciada da natalidade. (...) «Um homem ou uma mulher podem tornar-se, durante a sua vida, como que estranhos para si próprios quando fazem certas coisas ou se cometem com certos sentimentos que não correspondem ao quadro familiar da identidade, aos pontos fixos verosimilmente sociais da raça, da classe, da idade, do género ou da etnicidade». Nenhuma identidade é fixa, todas e cada uma delas têm de ser construídas – e, além disso, sem a mínima garantia de que a construção virá a ser concluída, com o telhado a cobrir o edifício completo. Não há «regresso» à natalidade – o passado não está guardado num armazém à espera do momento em que convenha ir lá buscá-lo, sacudir-lhe o pó e devolvê-lo à sua antiga beleza: é necessário confeccioná-lo de novo, a partir dessas mesmas significações fragmentadas que se nos deparam, sempre esquivamente, nas ruas da cidade. Deste ponto de vista, não há diferença de estatuto entre o que está para trás e o que está em frente, o passado e o futuro, a «herança gloriosa» e o projecto ousado. Quer o lar procurado se imagine no passado, quer seja deliberadamente situado no futuro, continua a ser sempre um lar postulado, e impedir que seque a esperança que alimenta o projecto final revela-se uma tarefa interminável e exige um investimento emocional intenso (Ibid., 143-44.)

O sociólogo Zygmunt Bauman (n. 1925), aquando de uma conferência proferida em 2004, em Milão, intitulada “Viver com estranhos” (publicada posteriormente no volume *Confiança e medo na cidade*, cuja tradução portuguesa se refere em epígrafe) aborda o tema complexo da cidade contemporânea. É na cidade onde a humanidade se concentra modernamente, sendo um espaço com múltiplos rostos (reflexo de uma realidade cultural, linguística e étnica múltipla e diversa). É a cidade que espelha os desafios da modernidade (onde, contemporaneamente, os problemas e conflitos provocados por processos de globalização, ou planetarização, se agudizam e onde dificilmente se podem solucionar, i.e., cidades como Londres, Paris, Berlim e... Lisboa. Neste contexto, Bauman refere as cidades contemporâneas como “depósitos de resíduos” locais, sendo os resíduos os problemas que surgem em consequência da globalização. A cidade constitui, portanto, um “campo de batalha” onde as tendências opostas de *mixofilia* e *mixofobia* se confrontam e concretizam levando à formação, por exemplo, de *ghettos* voluntários (dos ricos) e outros involuntários (dos “desclassificados” ou “underdogs”). Finalmente, é a cidade que se torna hoje em dia um laboratório ético e sócio-político onde novas regras de comunidade se deverão estabelecer, regras que se deverão praticar, já não a um nível local apenas, mas, sim, a um nível global. A cidade (onde o estrangeiro, o estranho e o imigrante se tornam os nossos vizinhos) é hoje em dia, ora espelho, ora vector de uma consciência ética universal potencialmente mais compassiva e

compreensiva. Vislumbra-se, então, nas sílabas por vezes indecifráveis dos estranhos com que partilhamos a mesma cidade (deveras múltipla e universal ao mesmo tempo) algo de muito essencial no que respeita ao nosso próprio destino e à nossa própria identidade: a contemporaneidade faz de nós todos semelhantes na nossa condição de dissemelhantes e diferentes na nossa qualidade de semelhantes. Trata-se de uma verdade incómoda para alguns; uma realidade incontornável para todos; uma problemática de natureza sociológica para os especialistas; e um convite para todos se reverem à mesma mesa de uma humanidade em movimento, em busca e em crise. Na verdade, vai-se criando uma nova Torre de Babel no nosso século. Para essa Torre de Babel em construção chegar a ser sustentável, a cidade defronta-se com os desafios ético, económico e histórico de uma humanidade cuja tarefa-mor se resume à globalização do «eu» e do «tu». Ora cada «eu» é uma identidade em construção; cada «eu» é a encarnação de uma viagem interior e/ou exterior; cada «eu» espelha a condição contemporânea da humanidade. Cada «eu» é também um «tu». (Somos o outro dos outros.) *Enfim, cada imigrante é símbolo e concretização de uma condição humana comum.*

O filme-documentário de Sérgio Tréfaut – realizador premiado, realizador de documentários e cinema de ficção (curtas- e longa-metragens) (ver mais abaixo uma lista muito incompleta) – revela a ausência de um narrador exterior (sendo os “lisboetas” aqui – imigrantes e filhos de imigrantes na sua totalidade, retratados no seu dia-a-dia – que passam, ora em busca de contratos de trabalho, ora na sua vida familiar, ora confrontados com questões de escolarização dos filhos e aprendizagem da língua, ora a seguirem as suas tradições religiosas, ora cientes do carácter problemático da existência de quem se encontra longe do seu “quintal”, etc.). Com efeito, não há nenhuma voz que de fora, em voz-off, explique o que o espectador pode ver e ouvir. Não é preciso tal voz exterior porquanto são os próprios imigrantes e estrangeiros retratados no filme que pautam as cenas e comunicam os estados e as etapas da sua identidade doravante assente em terreno movediço: entre o desenraizado e o desconhecido, entre o nostálgico e o resignado, entre o fim e o início, entre o desamparado e o esperançoso, entre o regresso sonhado e o regresso impossível. Eis uma questão da dignidade dos “lisboetas” retratados neste filme que Tréfaut respeita e discretamente proclama com a sua câmara (que contempla sem apressar, regista sem julgar, foca sem dissertar). *Lisboetas* termina onde tudo realmente começa: no momento de um parto. Prodígio e banalidade de natureza universal. Assim nasce, em plena cidade lisboeta, a filha de um casal de imigrantes. Eis o início absoluto de uma história familiar em solo português. Eis o cenário de um «eu/tu» incipiente que se cruzará doravante connosco nas ruas e no olhar, no pensar e no caminhar da nossa peregrinação sem fim.

<p>PORTAIS EM TORNO DO FILME (2004):</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="http://www.imdb.com/title/tt0422648/?ref=nm_film_g_dr_5">http://www.imdb.com/title/tt0422648/?ref=nm_film_g_dr_5</a></li> <li>• <a href="http://www.sergiotrefaut.com/">http://www.sergiotrefaut.com/</a></li> </ul>	<p>PORTAIS EM TORNO DO REALIZADOR (n. 1965):</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="http://www.imdb.com/name/nm0871708/">http://www.imdb.com/name/nm0871708/</a></li> <li>• <a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9rgio_Tr%C3%A9faut">http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9rgio_Tr%C3%A9faut</a></li> </ul>
---	---

YOUTUBES: alguns filmes de Sérgio Tréfaut patente na NET, ou na íntegra ou excertos:

*Lisboners*: [https://www.youtube.com/watch?v=b3ORZr\\_s710](https://www.youtube.com/watch?v=b3ORZr_s710); *Outro País*:

<https://www.youtube.com/watch?v=sqXor7l8M5k>; *Cante Alentejano*:

<https://www.youtube.com/watch?v=OGmCnj6RGEs>; *Alentejo, Alentejo*:

<https://www.youtube.com/watch?v=r8ksk23HbB0>; *Entrevista com Sérgio Tréfaut*:

<https://www.youtube.com/watch?v=q-TlelP4BJo>; *Fleurette* (trailer):

[https://www.youtube.com/watch?v=5vLL\\_C1A78c](https://www.youtube.com/watch?v=5vLL_C1A78c)